

A KZA EM CONSTRUÇÃO- O MOVIMENTO HIP-HOP EM PELOTAS (2000-2012)

Paulo Renato Souza Ienczak¹; Lorena Almeida Gill²

¹Universidade Federal de Pelotas- pauloienczak@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas- lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O resumo a seguir sintetiza minha pesquisa de dissertação, atualmente em fase inicial, que consiste em reconstruir parte da trajetória do movimento hip-hop de Pelotas entre os anos 2000-2012, buscando entender como os integrantes da “nova escola” se impuseram durante esse período, e como foram recepcionados pelos membros da “velha escola”, investigando um possível conflito entre gerações.

O recorte temporal escolhido para a pesquisa - o período de 2000 a 2012 - visa identificar e discutir as diferenças e transformações de concepção e visão sobre o movimento hip-hop pelotense, a partir das narrativas dos próprios integrantes desse movimento cultural.

É importante lembrar que o hip-hop não é um movimento de apenas uma faceta e, como é possível observar em outros grupos culturais, possui muitas diferenças internas (KELLNER, 1995). Por se tratar de um fenômeno mundial, tem suas peculiaridades regionais, tendo em vista que geralmente ocorre uma espécie de fusão entre as culturas nativas e o hip-hop, fazendo com que cada país tenha um jeito próprio de viver e recriar o movimento, podendo ser considerada uma cultura híbrida, ou seja, o resultado de elementos de diferentes culturas pré-existentes que se juntam para criar uma nova expressão cultural (CANCLINI, 2003.).

2. METODOLOGIA

As duas metodologias utilizadas para realização da minha pesquisa são a História Oral e a análise documental de jornais.

Diferente da entrevista jornalística, a história oral envolve maior preocupação com o roteiro, necessitando de um projeto, que é o que realmente caracteriza uma entrevista como sendo de história oral. Meihy e Holanda (2007) definem a importância do projeto para um verdadeiro trabalho com história oral, chamando atenção que na verdade todo esse conjunto de antecipar ações através do projeto, que deve conter justificativa, relevância social da pesquisa e uma boa fundamentação teórica, e depois levar a cabo a pesquisa, realizar a entrevista e transcrevê-la, obter uma carta de cessão e retornar à comunidade com o resultado do trabalho, todo esse processo, é o que podemos chamar de história oral. Não constitui apenas então uma metodologia, e a transcrição é ato primordial, segundo os autores.

Já Verena Alberti (2005) usa o termo “método-fonte-técnica” (2005, p.18) para se referir à história oral, já elencando três diferentes possibilidades de encará-la. A autora traz, em seu texto, uma pequena história da história oral, renegada durante muito tempo pela tradição positivista, que considerava apenas o documento escrito como fonte verdadeira e confiável. A História Oral começa a ser levada a sério a partir dos anos de 1960, quando havia um anseio entre os pesquisadores de ciências humanas por fontes mais qualitativas, e, de certa forma, mais humanas. Também foi na década de 1960 que o uso de gravador portátil se popularizou, facilitando o registro de depoimentos orais.

Importante destacar também que existem diferentes tipos de história oral. Meihy e Holanda (2007) a dividem em três tipos: história oral de vida, história oral temática e tradição oral.

Para enriquecer a pesquisa utilizarei também fontes periódicas, buscando informações adicionais nos arquivos dos jornais *Diário da Manhã* e *Diário Popular*, localizados na Biblioteca Pública de Pelotas. Devido ao trabalho de cobertura do movimento hip-hop pelotense realizada desde 1994 pelo jornalista Carlos Cogoy, do Diário da Manhã, há uma variedade de informações que será de utilidade para qualquer um que deseje pesquisar o movimento na cidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu interesse em pesquisar o movimento hip-hop surgiu do fato de já estar familiarizado com esse objeto, por ser fã e também ativista deste.

A partir de minha vivência junto ao movimento, bem como pelo contato com fontes como documentários e matérias de diversos meios de comunicação é que foram elencadas as questões e objetivos da pesquisa: o conflito entre as gerações que vêm fazendo o hip-hop acontecer, a pluralidade de visões sobre o papel social do rap e demais manifestações da rua, a carência de um registro acadêmico na área de História sobre o hip-hop em Pelotas.

Analisando algumas fontes jornalísticas já é possível identificar atividades que o movimento realizou durante o período em que a pesquisa se detém, bem como pensar o conteúdo dos roteiros das entrevistas de história oral, que irão produzir o material principal para análise e discussão de minha dissertação.

4. CONCLUSÕES

O hip hop em Pelotas possui uma história desde os anos 1990, pesquisas sobre esse período bem como sobre o início dos anos 2000 foram realizadas, contribuindo de maneira singular para minha pesquisa. Com minha dissertação irei apresentar uma nova fase do movimento, até então não estudada, trazendo também uma contribuição de minha área de conhecimento: a História. Para além disso pretendo contribuir com uma melhor compreensão na discussão sobre grupos culturais e tribos urbanas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOM MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

BRIÃO, Horácio da Rosa. O rap pelotense manda um salve: um estudo sobre juventude, quilombismo urbano e inclusão social. 2010. 169f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CANCLINI, Néstor Garcia. Noticias recientes sobre la hibridación. **TRANS - Revista Transcultural de Música**, Iztapalapa, México, v.7, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191.

ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. IN: **Cadernos de Estudos do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, 1995.

HOBSBAWM, Eric J; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Edusc: Bauru, 2001.

LONER, Beatriz. Negros: organização e luta em Pelotas. **História em Revista**, v. 5, p.7-27, dezembro 1999.

VERENA, Alberti. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIEIRA, Maria Raquel Rodrigues. “Minha palavra vale um tiro. Eu tenho muita munição”: movimento Hip-hop e a fabricação de identidades. 2008. 148f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.